

ESPELHO DO ENSINO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO REFLETIDOS EM CADERNOS ESCOLARES 1970-2008

BARUM, Sylvia¹

¹ Acadêmica de Pedagogia, FaE/UFPeL. Bolsista PIBIC/CNPq
sylvinhab@hotmail.com

PERES, Eliane²

² Doutora em Educação. Professora da FaE/UFPeL
etperes@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla denominada HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), desenvolvida pelo grupo de pesquisa que recebe o mesmo nome, a qual é coordenada pela Prof^a Dr^a Eliane Peres (FaE/UFPeL). A pesquisa consiste em analisar cadernos de alunos em processo de alfabetização que compõem o acervo do “banco de cadernos” do referido grupo de investigação, buscando estudar as mudanças na utilização e nos suportes dos cadernos, bem como mapear a história da alfabetização no Rio Grande do Sul no período compreendido entre 1940 e 2008.

O acervo de cadernos do grupo de pesquisa HISALES não conta apenas com cadernos de alfabetização, mas também com cadernos de 2^a série/2^o ano até 5^a série, totalizando 150 cadernos. Como o foco do trabalho é na alfabetização, foi feita uma opção por separar os cadernos em “Cadernos de Alfabetização”, totalizando 119 e “Cadernos das demais séries do ensino fundamental”, num total de 31 cadernos. Por “Cadernos de Alfabetização” consideramos cadernos do pré-escolar, 1^a série e 1^o ano, que revelam um ensino sistemático com a leitura e a escrita.

Para o caso desse trabalho serão utilizados 19 cadernos de alfabetização, contemplando desde a década de 1970 até os anos 2000, sendo 02 cadernos da década de 1970, 02 cadernos da década de 1980, 06 cadernos da década de 1990 e 09 cadernos dos anos 2000. São cadernos de crianças da cidade de Pelotas, onde foram analisadas não só as atividades de alfabetização como também a materialidade do objeto e as marcas gráficas da professora e do próprio aluno nas páginas. É importante ressaltar que esta é uma pesquisa em andamento, uma vez que a cada ano o grupo de pesquisa HISALES recebe novas doações de cadernos e estes são catalogados e analisados. O embasamento teórico do trabalho consta de autores como Chartier (2007), Mignot (2003) e Peres (2006) que abordam os cadernos escolares como fonte de pesquisa e a história da alfabetização.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A constituição de um acervo envolve, além da coleta de materiais, sua organização e classificação. O trabalho de elaboração do “banco de cadernos” do grupo de pesquisa HISALES iniciou-se pela catalogação dos cadernos doados. Por meio de uma tabela, separada por décadas e anos, os cadernos foram classificados um a um pela letra C (indicativo de caderno) e o número

correspondente a sua chegada no acervo (1,2,3,...), sendo divididos em cadernos de alfabetização e cadernos das demais séries do ensino fundamental. Nessa tabela, os cadernos foram identificados quanto ao local de origem, escola, gênero (menino ou menina) e período de utilização.

A partir dessa tabela foi criado um modelo de ficha descritiva com o objetivo de explorar cada caderno detalhadamente, para facilitar o processo de pesquisa sem que fosse necessário voltar aos cadernos cada vez que se precisasse de alguma informação. Essas fichas buscam identificar, não só detalhes como formato do caderno e número de páginas preenchidas, mas também marcas de correção dos professores, marcas de expressão dos alunos e metodologia utilizada para a alfabetização. A opção por selecionar 19 cadernos para esse trabalho se deu devido a grande quantidade existente no acervo atualmente, como fica evidente na tabela abaixo:

CADERNOS DE ALFABETIZAÇÃO DO ACERVO HISALES POR DÉCADA	
1940	01
1950	01
1960	01
1970	08
1980	11
1990	23
2000	72
Sem Identificação	02
TOTAL	119

O recorte temporal de 1970 a 2008 se dá pela preferência, para esse estudo, por cadernos de uma mesma localidade, nesse caso, Pelotas, sendo inexistentes cadernos de Pelotas nas outras décadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os cadernos escolares nem sempre tiveram seu uso como algo “costumeiro” e obrigatório na escola. Antigamente, devido a seu alto custo, passar a matéria para o caderno era algo que só ocorria após a correção do caderno pelo professor, visto que eram considerados de grande importância não só pela escola como também pelas famílias. Chartier (2007) evidencia, em seus estudos, a importância que era dada ao caderno escolar na escola primária francesa, por volta de 1868, onde “o caderno do dia “vitrine do trabalho escolar”, recolhia o trabalho passado a limpo que vinha após um tempo de preparação e uma primeira correção”. (p. 52).

Assim como a utilização do caderno foi se modificando ao longo do tempo, também se modificou sua forma e materialidade. Considerando os 19 cadernos de alfabetização, foram criadas três categorias que possibilitaram estabelecer mudanças ocorridas entre 1970 e 2008, sendo elas: materialidade do objeto, marcas dos professores e alunos, e aspectos da alfabetização. Quanto a materialidade do objeto, os cadernos de 1970 e 1980 são todos cadernos pequenos e de capa de papel ou papelão, com folhas grampeadas, tipo brochura. As capas são em sua maioria forradas, podendo conter desenhos ou não. Já os cadernos de 1990 e 2000 são cadernos que apresentam tamanho grande ou pequeno, capa dura ou capa de papel ou papelão e podem ou não apresentar

espiral. Suas capas trazem, na maioria dos casos, personagens de desenhos da TV e de filmes. Apenas um caderno de 1995 tem capa forrada de tecido.

Enquanto os alunos exploram até os dias atuais os espaços em branco dos cadernos e as margens com desenhos, carimbos, frases e figurinhas, os professores, ao longo do tempo, foram também fazendo uso desse espaço para além de correções. Nos cadernos de 1970 e 1980 as únicas intervenções dos professores nas páginas dos cadernos são para atribuir notas ou fazer correções de palavras, números e frases. Os professores de 1990 e 2000 utilizam os espaços em branco para deixar recados para pais e alunos, escrevem elogios, como “Que Lindo!” e “Muito Bom!” e, também, fazem correções, fazendo o uso de “X” para errado e escrevendo à caneta ao lado a forma correta. As atividades presentes nos cadernos também passaram por mudanças. Nos cadernos de 1970, o foco do trabalho é no método global de contos. Neles se evidenciam trabalhos de cópias de frases, posterior trabalho com as palavras das frases para então fazer divisão de sílabas das palavras. Os cadernos de 1980 apresentam o método da abelhinha, (base fônica) e seus personagens em suas páginas. São cadernos com muitas folhas mimeografadas. Os cadernos de 1990 e 2000, apresentam em sua maioria características de uma alfabetização mais ampla e não focada apenas em um método. São cadernos onde o espaço para a escrita se dá em boa parte dos casos nas folhas mimeografadas/fotocopiadas coladas nos cadernos. Em seus estudos MIGNOT afirma que

“Os cadernos escolares têm servido de suporte para a escrita a lápis, à pena, à caneta tinteiro ou esferográfica, revelando que a aprendizagem da escrita não se restringe à aquisição da norma culta. Páginas pautadas impõem a ordem e o cuidado que devem expressar-se nas letras bonitas e na limpeza do material escolar.” (MIGNOT, 2003, p.14)

De certa forma esse é o ponto em comum entre os cadernos que foram analisados para esse trabalho. Em todos eles é possível observar o capricho e cuidado desde a colagem de folhas até a conservação das páginas e a escrita, uma vez que a caligrafia ao passar dos meses vai sendo “aperfeiçoada”.

4 CONCLUSÕES

Mesmo com um estudo ainda em andamento, já é possível apontar algumas conclusões. Primeiramente, é importante considerar, como aponta CHARTIER (2007), que “essa fonte [caderno escolar] é ao mesmo tempo, fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade.” (p.23). Dessa forma, a pesquisa em cadernos escolares é difícil uma vez que analisá-los é reinterpretar seu uso e o que neles está registrado. Como fonte, servem para reconstruir uma trajetória de ensino e aprendizagem da cultura escrita uma vez que eternizam em suas páginas métodos de trabalho e de ensino utilizados ao longo dos anos.

Um aspecto marcante são as “novas significações” dadas aos cadernos no decorrer do tempo. Enquanto os cadernos das décadas de 1970 e 1980 mostravam-se mais “conservadores”, servindo apenas para realização e correção de atividades, os cadernos das décadas de 1990 e 2000 passam também a ser utilizados para a comunicação entre pais e professores e professores e alunos, como evidenciam Santos e Souza em seus estudos:

“Os cadernos, mais do que meros objetos acessórios das atividades desenvolvidas em sala de aula, são materiais cuja utilização organiza e imprime características à dinâmica escolar. Possibilitam o acompanhamento e o controle do desenvolvimento e da aprendizagem de um aluno; o registro de informações quanto aos conteúdos ensinados; a comunicação entre pais e escola; bem como entre professor e aluno.” (SANTOS; SOUZA, 2005, p.301)

Os cadernos então abandonam a função única de controle e assumem também outras funções, como, por exemplo, meio de comunicação ente escola e família. Em relação às marcas dos alunos, os cadernos das décadas de 1970 e 1980 apresentam “marcas mais contidas” como pequenos carimbos e desenhos. Já os cadernos das décadas seguintes são mais explorados pelos alunos, mesmo aqueles onde as folhas mimeografadas/fotocopiadas ganham mais espaço “escondendo as linhas”.

Considerando a história da alfabetização no Rio Grande do Sul, os cadernos de Pelotas evidenciam os métodos de alfabetização mais utilizados em cada período. A prova disso são as modificações nos trabalhos registrados. Os dois cadernos de 1970 têm o foco no método global de contos, que, segundo estudos de PERES (2006), “esteve em evidência no Rio Grande do Sul principalmente entre as décadas de 1950-1970” (p.158). Já os dois cadernos de 1980 têm estampados em suas páginas personagens do método da abelhinha, “um método de base fônica acompanhado de recursos visuais” (LAPUENTE, 2006, p.2), que mesmo tendo seu ápice na década de 1960 persiste nos cadernos de 1980. Doze dos quinze cadernos das décadas de 1990 e 2000 apontam para uma perspectiva construtivista de alfabetização, uma vez que não fazem uso de apenas um método.

5 REFERÊNCIAS

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de Leitura e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAPUENTE, Janaina Soares Martins. A difusão do “Método da Abelhinha” em Pelotas (1960 – 1990) In: **XV CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL**. Pelotas, 2006. Anais do XV CIC. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cic/2006/arquivos/conteudo_CH.html#00845

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis Guardados**. Rio de Janeiro: Rede Sirius, 2003.

PERES, Eliane. A produção e a circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul: alguns dados de pesquisa. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG / RS / MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006. cap. 2, 145 – 167.

SANTOS, Anabela Almeida Costa e; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 291 - 302, 2005.